

*Eixo Temático: GÊNERO, RAÇA, ETNIA E SEXUALIDADE NA
FORMAÇÃO DOCENTE*

GINGA: UMA PEDAGOGIA DE TERREIRO

Sueli Santana Santos

Zuleide Paiva da Silva

RESUMO

Esse texto foi produzido a partir do componente PAE do Mestrado profissional em Educação e Diversidade. Tem por objetivo apresentar relatos e registros discutidos no componente curricular e a interface com o objeto de estudo que desenvolvo no programa de pós-graduação, o qual refere-se a pedagogias de terreiro e a interseccionalidade com as categorias de gênero sexualidade e raça. Apresento como resultado das discussões teóricas trabalhadas no componente curricular, a incorporação dos conceitos de 'ginga' discutidos pelas pesquisadoras Rosângela Araújo e Zuleide Paiva da Silva (ARAÚJO,2004; ARAÚJO e SILVA, 2020) como um dispositivo teórico metodológico que fundamenta meu estudo.

Palavras-chaves: Pedagogia de terreiro. Ginga. Candomblé.

Kimbanda gira¹

Ingressei no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED) com o projeto de pesquisa intitulado "Pedagogias de terreiro para pensar como as relações de gênero e sexualidade são vivenciadas em uma comunidade de Candomblé", com o propósito de analisar as pedagogias candomblé, tendo como eixo delimitador a categoria sexualidade e suas interseccionalidades. Esta proposta parte do entendimento que os terreiros de candomblé se constituem como espaços de educação dotados de dinâmicas sociais próprias, capazes de reproduzir modos próprios de aprender e ensinar ao longo

¹ Termo usado nos candomblés de matriz cultural angola com sentido de licença. Uso esse termo para introduzir o tema desse artigo e ao mesmo tempo pedir licença para escrever sobre o candomblé.

Esse texto surgiu da provocação dos debates produzidos do componente curricular componente curricular Docência e Diversidade Ministrado pela professora doutora Iris Verena de Oliveira, através debates e rodas de conversa. A primeira convidada foi minha orientadora, a professora doutora Zuleide Paiva da Silva, conhecida entre suas orientadas e amigas como Eide Paiva. A roda de conversa com Eide foi sobre o texto escrito por ela em conjunto com sua orientadora do doutorado, a professora doutora Rosângela Araújo, também conhecida como Mestra Janja. O texto em questão, ‘Pensamento lésbico: uma ginga epistemológica contra-hegemônica’ (SILVA; ARAÚJO, 2021), publicado na revista ‘Estudos Feministas’, como sugere o subtítulo, apresenta o pensamento lésbico como uma ginga epistemológica do campo feminista.

A lesbianidade como campo teórico do feminismo emerge nos primórdios da segunda onda do feminismo, quando ativistas e pesquisadoras lésbicas de diferentes espaços de saber, regiões e países buscaram entender e explicar a opressão feminina desde a experiência

Nesse artigo, as autoras apresentam algumas teorias do pensamento lésbico, dentre elas o lesbofeminismo interseccional, produzida por lésbicas negras. Essa corrente, conforme apontado no texto é uma ginga que problematiza os estudos que focam a subordinação feminina em função do gênero, mas ignoram tanto a opressão feminina baseada na raça, como a opressão das mulheres em função da classe e da sexualidade. Questionando tanto o feminismo produzido pelas mulheres heterossexuais brancas e negras, quanto o feminismo produzido pelas lésbicas brancas, essa corrente evidencia o apagamento da produção textual das lésbicas negras no campo feminista.

Destarte, apreendo a categoria ginga do texto de Eide e Mestra Janja como uma metáfora que assume relevante significância para o atual momento de engrenagem e reconstrução do meu projeto de pesquisa. Sinto-me girando nessa grande ginga em busca de conhecimentos para dar vida e movimento ao meu estudo. No texto em debate, a noção de ginga é apresentada pelas pesquisadoras “como um falso conflito, a não aceitação do mundo autorizado” (SILVA; ARAUJO, 2021, p.2). Essa perspectiva da ginga está fundamentada na tese da Mestra Janja, que assim a define:

Ginga: movimento fundamental, do qual partem todos os golpes ofensivos ou defensivos, e em que o capoeirista, agitando-se sem deixar de manter a base de apoio, em conjugação com as mãos, procura iludir e desnortear o adversário. Molejo, malandragem,

astúcia, 'jogo de cintura', dissimulação, etc, atributos de conduta que podem ser valorizados simultaneamente como sendo positivos e negativos. Indica a capacidade de negociar determinadas situações, aprendendo a reconhecer os momentos de recuo como condição de se manter *jogando* (grifo da autora). Também se refere Rainha Ginga, entidade da nobreza religiosa nas festividades do congado, espalhadas pelo Brasil (ARAÚJO, 2004.p 193).

A ginga também está metaforicamente presente no meu cotidiano enquanto pesquisadora professora da educação básica que, com muito molejo, venho assumindo a dupla jornada de trabalho e estudo. Desde a experiência pensada como a história do sujeito (Jonh SCOTT, 1999), observo que os sujeitos que atravessam meu estudo (pessoas de terreiro) também lançam mão da ginga para os desafios de suas vidas. Isso porque constituem um grupo socialmente marginalizado, exposto a violência de gênero, violência sexual, racial, religiosa e social. Desse jeito, muitas vezes recua para avançar como estratégia de resistência e sobrevivência, embora nem sempre isso aconteça, pois muitos de nós sucumbem diante dessas opressões e perdem no jogo da vida.

A violência em função do racismo também é uma realidade vivenciada pelos filhos de santo do Terreiro de Lembarocy, locus da minha pesquisa e onde sou Macota².

A lesbianidade dessa filha de santo não se configurava como um problema para a família religiosa, possivelmente porque seu corpo negro embora masculinizado estava conformado com o gênero. Mas, quando ela iniciou o processo transexualizador, ou seja, quando se afirmou como homem trans e ativista do movimento LGBTQIA+, membros da família pareciam criar resistência à sua iniciação, indiferentes à sua necessidade de se se auto afirmar enquanto homem trans e , talvez, abalar algumas tradições no espaço afroreligioso do candomblé.

Os terreiros de Angola Congo trazem a ginga de capoeira através de sua própria história. Lembrando que os primeiros povos africanos traficados para o Brasil trouxeram consigo um grande ensinamento: aprender a jogar observando o outro, absorvendo o que vem de outros povos sem desprezar sua cultura de origem. Os povos bantos e o candomblé angola têm como uma de suas características a habilidade em somar com o outro, como estrangeiro, para fortalecer sua estrutura. Nessa lógica seria

² Sacerdotisa, nos candomblés angola, incumbida de funções litúrgicas importantes como cuidar dos nkisi incorporados, conduzi-los nos rituais preservando a integridade da pessoa que o incorpora, além de ser mãe/cuidadora de muzenza (iniciados novos) entre outras funções. No terreiro Lembarocy sou macota de Lembá, desempenho principal função de cuidar do nkisi Lembá.

contraditória qualquer negação das identidades de gênero, sexualidade ou raça que constituem os espaços afro religiosos. Mesmo porque os terreiros são munidos de pedagogias próprias, independentes, que transcendem do mundo exterior. Essas pedagogias transmitidas pelos mais velhos através da oralidade, geração em geração, permeiam o ato de cuidar do outro, o resgate e resistência cultural.

Esse aprender com o outro vivenciado nos terreiros amplia minha percepção de mundo, desloca meus pensamentos promovendo novos aprendizados. Isso também ocorre em sala de aula, como sugere bell hooks ao descrever a seguinte situação:

Os alunos também me ensinam que é preciso praticar a compaixão nesses novos contextos de aprendizado. Não me esqueço do dia em que um aluno entrou na sala e me disse: ‘Nós fazemos seu curso. Aprendemos a olhar o mundo de um ponto de vista crítico que leva em conta a raça, o sexo e a classe social. E não conseguimos mais curtir a vida (hooks,2017, p.60).

Assim como os alunos de bell hooks mudaram sua concepções frente aos debates estabelecidos em sala de aula, eu mudei meu ponto de vista depois da discussão sobre pensamento lésbico como uma ginga epistemológica contra hegemônica (SILVA, ARAUJO, 2021). A ginga não fazia parte do meu pensar. Mas, desde então, tenho pensado e refletido com minha orientadora a ginga como dispositivo teórico metodológico para sacudir, transformar, trazer outra lógica para a pesquisa em curso. Com esse dispositivo, pretendo trazer para o debate as experiências de terreiro que são vivenciadas, mas não são faladas ou problematizadas. Pelo contrário, são invisibilizadas e negadas. Esse é o desafio: trazer para o centro do debate acadêmico “coisas do terreiro”, e para o centro do terreiro, o debate LGBTQIA+ sem perder de vista que, os terreiros, sobretudo os da tradição cultural angola, ainda parecem resistir à iniciação de pessoas em função de sua sexualidade. Essa negação pressuponho, parte muito mais do racismo estrutural e epistêmico que do princípio religioso, aqui entendido como inclusivo e ancestral.

Assim, acredito, é preciso compreender o saber ancestral para reconhecer que é o nkisi quem ensina e transforma. Os nkisi são “[...] entidades ancestrais divinizadas cultuadas nos terreiros de candomblé de nação angola” (SANTOS, 2019, p.142). Nkisi é força que não é vista, mas sentida. Nessa perspectiva, a sabedoria ancestral nos conecta com todos os elementos da terra e com nós mesmos. A partir das pedagogias de terreiro construídas com o saber ancestral, aprendemos a manipular essas forças, sem, contudo, dominá-las.

Kitempo é um nkisi da nação angola que está ligado a todos os elementos da natureza, é o senhor da atmosfera. A sua energia está presente na terra, na água, nas florestas, no fogo, no vento, nos animais, em nós, em tudo. Kitempo é a nossa identidade como terreiro de matriz cultural angola. No terreiro onde tem a bandeira branca em mastro muito alto, geralmente de bambu, a linhagem familiar é angoleira. A bandeira branca é símbolo desse nkisi. Kitempo está ligado ao tempo cronológico, por isso entregamos tudo ao TEMPO, porque ele gira.

Nos caminhos de Nzila.

A minha experiência de lesbica, negra professora de escola pública me oferece uma visão diferenciada da educação, muito por conta das experiências que tive de educação de terreiro, no qual há trocas de ensinamentos e não apenas ensinamentos verticalizados.

A ausência de políticas públicas para o povo de terreiro aliado à falta de aplicabilidade da lei 10.639/03 são elementos que acirram o racismo institucional. Motivada por esses e outros atos de violência sofridos na pele ou testemunhados com outros afro-religiosos, montei um esquema de formação para as escolas rurais com foco na inserção de elementos da cultura afrobrasileirana educação. Acompanhei o resultado dos trabalhos que se mostraram positivos em termos de execução do proposto pela lei. A partir dessa iniciativa, surgiram outras ações com foco na redução do racismo religioso sofridos por crianças afro-religiosas.

“A lei n. 10639/03 de modo isolado não representará efeito real no processo de ensinagem na educação básica” (FERREIRA, p. 75). O processo educacional brasileiro das escolas de ensino básico não foi pensado para a população negra, ainda que grande percentual dos estudantes inseridos nas escolas públicas sejam negros. Muitas crianças saem do fundamental 1, sem domínio da leitura e escrita, o que ocasiona na desistência ao chegar no fundamental 2. Isso ocorreu na escola a qual assumi a direção. Percebendo a evasão dos estudantes, inaugurei um programa de aulas e reforço, bem como trouxe o conselho de pais e conselho tutelar para a escola. O programa de aula foi reformulado com substituição das aulas de religião por mais aulas de Português e Matemática; aulas no contra turno para alunos do 9º ano visando ingresso no IFBA. Todos os integrantes

da comunidade escolar eram tratados com respeito e equiparidade independente de seu cargo ou função, religião ou cor. O resultados dessas ações foi a tão esperada redução na evasão escolar e em média 12 alunos da escola aprovados no IFBA por ano – número maior que o atingido por todas as escolas do município juntas.

Esse texto é inconcluso. Entendendo o fim como um recomeço, essa gira da ginga vira de um lado para outro e transforma. Assim, trago Nzila (Senhor dos caminhos no candomblé angola), aquele que desestabiliza para restabelecer uma nova ordem. Desse lugar que falo agora, de um projeto que foi sacudido pelos novos conhecimentos do componente curricular Docência e Diversidade o qual entrou na ginga da professora Eide Paiva com quem sigo conversando e gingando. Nesse lugar, na ginga, espero que Nzila abra os caminhos do conhecimento e que possa ter um entendimento mais sólido para teorizar a ginga como dispositivo teórico metodológico contra hegemônico.

Referências

ARAÚJO, Rosângela Costa. **IÊ, VIVA MEU MESTRE A capoeira Angola da “escola pastiana” como práxis educativa.** Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação de São Paulo - São Paulo, 2004.

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas.** Tradução Renato da Silveira – Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Tássio, **Pedagogias da circularidade, ensinagens de terreiro.** Ed. Telha, Rio de Janeiro, 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla; 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017

KRENAC, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** Seminário. Companhia das letras, 2019.

LIMA, Fatima. **Live Vidas teimosa: desobediência epistêmica, metodologias e práticas.** Semana de integração dos novos alunos do Mestrado Profissional MPED. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0JvTPi1RN8k&t=1228s>>

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte.** Traduzido por SANTINI, Renata – São Paulo, n-1 edições, 2019.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,

SANTOS, Joise Maria Rêgo. **É quizila do santo: vivências e interdições alimentares em um candomblé angola e a Segurança Alimentar e Nutricional**, Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação e Alimentos, Nutrição e Saúde - UFBA – Salvador-BA, 2019. 149 f.

SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). Falas de Gênero. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999.

SILVA, Zuleide Paiva; ARAUJO, Rosangela Janja. **Costa Pensamento lésbico: uma ginga epistemológica contra-hegemônica**. Revista Estudos Feministas [online], v. 29, n. 3, 2021. acessado em: 19/05/2022, Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/c85GVd3fx8rVtJ5WfxyBnsy/>>